

A cidade como *corpus*: *body mods*, não-arquitetura e a produção de sentidos

The city as a *corpus*: body mods, non-architecture, and the sense production

Fernanda Coutinho¹
Denise da Costa Oliveira Siqueira²
Denise Portinari³

RESUMO

Entendendo o espaço urbano também como *locus* de resistência sócio-política, este artigo pretende articular os cortes realizados em edificações pelo arquiteto e artista plástico Gordon Matta-Clark e os cortes promovidos no corpo por adeptos da *body modification* – um dos fenômenos urbanos de comunicação das *styles tribes*. O trabalho tem como objetivo estudar em que medida a insubordinação à organização da cidade e à docilidade dos corpos oferece uma possibilidade de construção que passa pela destruição e por sua comunicação. Metodologicamente, apoia-se em duas bases que dialogam: a reflexão é construída a partir de uma pesquisa bibliográfica e documental sobre as intervenções promovidas pelo arquiteto e de um trabalho de campo no universo da *body modification* em São Paulo. Tais observações fundamentam-se especialmente nas leituras de Benjamin, Simmel, Mauss e Le Breton – autores que entendem a cidade e o corpo como social e culturalmente construídos.

Palavras-chave: cidade, corpo, comunicação, *body modification*, transfiguração.

ABSTRACT

Understanding the urban environment as a “pulsing” locus of socio-political resistance, this paper intends to link the cuts made in the buildings by the architect and artist Gordon Matta-Clark with the cuts in the body promoted by body modification supporters, as one of the communication urban phenomena of the “style tribes.” The aim of this work is to analyze how such insubordinations to the organization of the city as well as to the docility of the bodies offer a possibility of construction that effectively undergoes destruction, and also its communication. Regarding the methodological issues in this essay, we are proposing a study from two different perspectives that can dialogue with each other: an inquiry constructed on a bibliographical and documentary analysis about these interventions promoted by the architect, as well as a field work in body modification in São Paulo. Our observations are founded on the readings of Walter Benjamin, Simmel, Mauss and Le Breton; authors who view the city and the body as socially and culturally constructed.

Keywords: city, body, communication, body modification, transfiguration.

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea, 22451-900, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: fernandarcout@hotmail.com

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Rua São Francisco Xavier, 524/ 10º andar, Maracanã, 20550-900, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: denise.siqueira@yahoo.com.br

³ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea, 22451-900, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: denisep@puc-rio.br

Introdução

“Romper com determinados padrões estéticos
é algo que exige além de coragem,
fé em si mesmo e em seus ideais,
pois é algo feito para si mesmo.
Quase nunca para chocar.”
(T. Angel)

“*Mon corps est-il toujours mon corps?*”
(Courtine, 2006, p.11)

A cidade, em especial a metrópole, constitui um *locus* onde se desenvolvem e se configuram dinâmicas sociais das mais variadas ordens – políticas, econômicas e também de ordem arquitetônica. Pulsante por excelência, a vida urbana se caracteriza pelos “arranjos de interações entre os mais diferentes indivíduos” (Siqueira e Amaral, 2011, p. 39), dando forma, assim, a processos de construção de subjetividades tanto em seu aspecto fisiológico quanto psicossocial.

Partindo desse entendimento, nosso artigo tem por objetivo traçar e estudar um paralelo entre as intervenções promovidas pelo arquiteto e artista plástico Gordon Matta-Clark na cidade de Nova York, nos anos de 1970, e as atuais práticas de modificação do físico instituídas pelos adeptos da *body modification*. Mais conhecidos como a tribo urbana dos *body-mods*, eles acabam por levar o corpo ao limite da transformação. Matta-Clark, por sua vez, desenvolveu obras recortando paredes e extraindo vigas de propriedades públicas com ou sem autorização – também em processos de transformação.

Focando no aspecto destrutivo de ambas as situações, por meio do qual tanto a pedra quanto a carne são “ressignificadas” em termos de forma e conteúdo, levanta-se a seguinte questão: o retalhamento de construções arquitetônicas e do corpo em termos plásticos e estéticos poderia ser percebido como uma forma de transfiguração social, conforme propôs Benjamim ao analisar o meio socioeconômico da Paris do século XIX? Seria, nesse sentido também, parte do fenômeno que Maffesoli (2005) considera como decorrente de uma sociabilidade renovada que emerge no espaço deixado pela morte do político normativo, racional e

contratual? A partir dessas indagações, o texto busca refletir sobre as formas como os indivíduos constroem simbolicamente tanto os espaços quanto seus corpos ao servirem-se deles socialmente (Mauss, 1985) e os tornam, por conseguinte, instrumentos que possibilitam a materialização de representações e de valores em uma sociedade.

Embora, como bem ilustra Cidade (2011), Matta-Clark tenha feito uso de diferentes meios como filmes, desenhos e fotografias para realização de seus trabalhos, o presente artigo concentra-se nas intervenções realizadas no campo da arquitetura, dando ênfase especial ao seu período mais produtivo, entre 1971 e 1977. Já no âmbito dos recortes e retalhamentos promovidos no corpo, o foco está nas formas plásticas e estéticas contemporâneas de modificações difundidas pela *body modification* enquanto registro de uma cultura corporal considerada *underground* e cujas alterações estão intrinsecamente relacionadas com o movimento estético que recebe a alcunha de *body art*. Privilegiam-se as modificações convencionalmente chamadas de extremas e que, invariavelmente, são procedimentos cirúrgicos que incluem, dentre outras técnicas, *surfaces, dermal punch, dermal anchor, branding, scarifications*⁴.

Em termos metodológicos, o estudo apoia-se em duas bases que se articulam. A primeira, uma pesquisa bibliográfica e documental sobre as intervenções promovidas pelo arquiteto Matta-Clark nos anos de 1970. A segunda, um trabalho de campo embrionário no universo da *body modification* por meio da aproximação, inicialmente via trocas de *e-mails* e depois de conversas bastante informais, com um dos mais atuantes membros da “tribo” dos *body-mods* no Brasil, o paulistano Thiago Ricardo Soares, o T. Angel. Performer e adepto das práticas de modificação corporal desde 1997, ele faz um exercício de comunicação mantendo um blog (FRRRK.guys, [s.d]) por meio do qual propaga a “cultura” da *body modification*.

Cortes e recortes no *corpus* da cidade

Inicialmente tratadas sob a égide do individualismo, as análises acerca da dinâmica social nos meios

⁴ Respectivamente: implantes; técnica de incisão que consiste em fazer um buraco na cartilagem exatamente com o mesmo instrumento usado por médicos para obter amostras de biopsia; variação do *piercing* cujo efeito visual é que a peça foi aparafusada no corpo; produção de desenhos permanentes através de um ferrão/maçarico, em brasa, encostado sobre a pele; técnica que consiste em provocar cicatrizes na pele para produzir desenhos, geralmente feita com instrumentos cortantes como navalhas cirúrgicas, lixas ou materiais abrasivos.

urbanos partem de uma visão sobre como as mudanças promovidas pela industrialização, na virada do século XIX, acabam levando à atomização, à segregação e ao narcisismo do indivíduo, em virtude de um pensamento eminentemente objetivo e racional. Tal pensamento estava fortemente relacionado com o que Weber posteriormente chamaria de desencantamento do mundo, cujas bases remetem ao “protestantismo ascético e suas máximas sobre a conduta econômica cotidiana” (2001, p. 113).

Nesse sentido, alguns estudos analisam especificamente o impacto desse processo sobre a vida mental. Benjamin (2007), por exemplo, ao oferecer um panorama do século XIX a partir de imagens concretas que compõem a cultura do cotidiano da cidade de Paris – como a exploração do vidro e do ferro pela nova arquitetura, a construção de estradas de ferro, a iluminação a gás – mostra que tais criações de base econômica e técnica acabam por levar os indivíduos a uma situação de fantasmagoria, ou seja, a um estado de fascinação, de ilusão e de engano. Benjamin pensa, no entanto, ser possível despertar dessa ilusão. Através de um processo de transfiguração política, o homem, a partir de uma análise da história e da materialidade na qual está situado, conseguiria sair desse estado de deslumbramento que envolve a sociedade industrial do século XIX e ter acesso à realidade.

Já Simmel (1973, p. 15) analisa as reações dos indivíduos diante das experiências proporcionados pela cidade em termos de tempo e espaço, dentro da lógica de acúmulo de capital baseada na pontualidade, na calculabilidade e na exatidão enquanto características das sociedades industriais. Simmel conclui que a velocidade frenética da cidade (que passa a norteá-la em termos socioeconômicos e ocupacionais e cuja dimensão “concreta” é apreendida pela urgência em cumprir horários e pela demanda por transportes mais velozes) juntamente com o grande fluxo de informações que começa a circular impõem aos indivíduos um ritmo de vida marcadamente acelerado, nervoso e fragmentado. Conforme ilustra Singer, “em meio à turbulência sem precedentes do tráfego, barulho, painéis, sinais de trânsito, multidões que se acotovelam, vitrines e anúncios da cidade grande, o indivíduo defrontou-se com uma nova intensidade de estímulos sensoriais” (2001, p. 116).

Trazendo a questão para o contexto contemporâneo, as análises referentes à mobilidade e ao deslocamento frequentemente apontam para a emergência de uma nova forma de sociabilidade que rompe/ultrapassa o princípio de individuação (Maffesoli, 2000, p. 107). Nessa atual configuração, localizam-se modelos cuja ênfase passa a incidir

sobre um processo que corresponde ao que poderíamos chamar de desmaterialização do individualismo enquanto mola que move as relações sociais nas metrópoles.

O cenário em questão aponta para um resgate de valores “tradicionais” que tinham sido julgados como perdidos ou abandonados pelas sociedades mais individualistas. Maffesoli (2000, p. 126) identifica, por exemplo, o reestabelecimento dos vínculos emocionais cristalizados na pulsão do estar-junto como base da vida cotidiana na contemporaneidade. Há, nesse sentido, uma revalorização da ética comunitária, da “religação”, que se manifesta por meio de um sentimento de solidariedade vivenciado coletivamente pela partilha, pontual e momentânea, de valores, de ideais e, inclusive, de um mesmo território – seja de forma real ou simbólica.

Esse “caldo” emocional configurador das numerosas experiências sociais dá margem, como assinala Maffesoli (2005, p. 209), para o que poder-se-ia chamar de reencantamento do mundo, onde o político – em seu aspecto normativo, racional e contratual – cede lugar a uma lógica que valoriza o aspecto libertário, imaginário e afetivo. Nesses moldes propostos, a revitalização da dimensão comunitária deve ser entendida sob a ótica de uma potência social subterrânea que emerge como transfiguração do político, podendo ser mais bem percebida quando se examina de forma mais atenta o panorama social das metrópoles, mais especificamente, quando se dirige o olhar, por exemplo, para as inúmeras formas que os grupos encontram para fazer frente aos chamados “choques de ordem” realizados pelo Estado – que aparecem sob a forma de planejamento arquitetônico e social do espaço urbano cuja função é delimitar e autorizar a forma de ocupação das ruas, demarcando as regiões administrativas, configurando os bairros e institucionalizando as áreas de lazer. Nesse contexto, a apropriação de áreas/vias/prças por diferentes grupos – que aparece sob a forma de uma territorialização explicitada na gíria urbana “esse é o meu pedaço” – funciona efetivamente como grande catalisador social afirmador da força da vinculação comunitária.

Em outra perspectiva, observar a cidade em termos de arquitetura mas também de práticas cotidianas, em sua dinâmica social, abre brecha para que se possa fazer uma rica leitura do espaço urbano. “Há um complexo sistema de práticas e um sofisticado universo imaginário inscrito nessas superfícies” (Bolle, 2000, p. 43) que acaba por oferecer a chance de se entender as linguagens, as sensibilidades, as construções identitárias, as lutas habituais. Conforme explica Oliveira:

... a observação das suas práticas cotidianas oferece-nos um olhar diferenciado sobre a cidade, sobre os sujeitos que a ocupam e suas formas de expressão e luta; o imaginário, as apropriações simbólicas e as relações estéticas aí envolvidos apontam sujeitos ativos que atuam na cidade, ressignificam formas e conteúdos, expressando-se por meio de seus corpos, assim como das paredes, dos postes e muros urbanos (2007, p. 65).

É dentro dessa perspectiva que procuramos fazer uma leitura dos cortes e dos retalhamentos de estruturas arquitetônicas realizados por Matta-Clark, fazendo algumas articulações com recortes e perfurações promovidas no corpo por intermédio da *body modification*, a partir de algumas das ideias apresentadas por T. Angel. Visa-se assim demonstrar que a reconstrução também passa pela destruição, seja em seu sentido simbólico, seja em seu sentido concreto, tal qual sugere Benjamin (1984, p. 67) ao assinalar que o termo origem, por exemplo, “designa algo que emerge do vir-a-ser e da extinção”.

Filho da norte-americana Anne Clark com o pintor surrealista chileno Roberto Matta, Gordon Matta-Clark nasceu em Nova York, em 1943 e morreu de câncer, prematuramente, aos 35 anos (Guggenheim, [s.d.]). Embora seja formado em arquitetura pela *Cornell University* (Nova York), nunca chegou a exercer a atividade de arquiteto no seu sentido convencional. Atuou dentro daquilo que se pode chamar de não-arquitetura ou da anarquitectura⁵, termo que ele mesmo cunhou para designar o seu trabalho e o de seu grupo, conforme aparece em uma de suas obras intitulada “máquina de não-habitar” (Cidade, 2008), que elucida a sua ruptura com o caráter prático e utilitário do ato de morar.

Grande parte de sua produção se constitui de intervenções – registradas em fotografias, filmes e vídeos – na paisagem das cidades de Nova York, Ontario, Paris e Antuérpia. Suas intervenções têm como proposta contestar o aspecto frio, objetivo, calculista e comercial das sociedades

industrializadas, sobretudo fazendo frente ao acelerado e desorganizado processo de urbanização pelo qual a cidade de Nova York passou nos anos de 1960/1970 em função das mudanças econômicas. Conforme deixa claro em uma declaração, “a autêntica natureza de meu trabalho com edifícios está em desacordo com a atitude funcionalista, na medida em que esta responsabilidade profissional tem se omitido de questionar ou reexaminar a qualidade de vida que se oferece” (*in* Cidade, 2008, p. 22).

A intenção de seu trabalho é instituir, portanto, uma crítica sociopolítica visceral ao processo de desumanização das sociedades individualistas. Especificamente, de acordo com Cidade (2008), fundamenta-se em uma censura a todo o aparelhamento capitalista envolvendo o exercício da prática arquitetônica, tal como sugere sua fala: “embora esteja falando de complexidade espacial e empregue termos pertencentes ao vocabulário da arquitetura, meus interesses são não-econômicos. De fato, meu objetivo é distanciar-me dessas restrições ao máximo possível” (Matta-Clark *in* Cidade, 2010, p. 35).

Nesse contexto, as performances aqui destacadas, *Splitting* (1973), *Bingo/Ninths* (1974) e *Conical Intersect* (1975)⁶, privilegiam a literalidade do trabalho interminável do corte. Em *Splitting*, por exemplo, Gordon Matta-Clark divide ao meio uma típica casa de dois andares, que estava prestes a ser demolida. É feito um corte transversal, a partir do topo do telhado até a sua fundação. Em seguida, serra seus cantos externos. Ao final, abre uma fenda com cerca de dois metros de largura na parede de tijolo e concreto, criando espécies de janelas sem portas de onde se podia ver a paisagem externa. As extremidades do telhado são preservadas através da instalação intitulada *Splitting: four corners*, enquanto fragmentos meramente impessoais “de uma casa desfigurada, que não preserva o caráter ou as experiências e memórias de quem viveu nela (PUAM, [s.d])”.

Com relação ao trabalho *Bingo/Ninths*, o artista obteve permissão para dividir a fachada exterior em

⁵ Conceito criado, no final dos anos 1960, por Matta-Clark para fazer referência às suas intervenções de cunho político-social e cuja proposta era oferecer uma visão crítica da arquitetura, chamando atenção para a especulação imobiliária e a forma desordenada com que a cidade crescia. Já para o grupo londrino de arquitetos-ativistas Space Hijackers (Space) – os sequestradores de espaços, que lutam contra a dominação arquitetônica, econômica e social dos espaços públicos por empresas e corporações financeiras – a anarquitectura é um meio de se ampliar o significado e a essência do espaço pela comunidade que o utiliza.

⁶ *Splitting*, 1973: casa situada em Englewood, subúrbio de New Jersey, é serrada ao meio. No documento audiovisual que registra esse trabalho, é editado um texto informando que sua produção/execução foi finalizada três meses antes de a casa ser demolida sob o pretexto de “renovação” urbana. *Bingo/Ninths*, 1974: Corte de uma casa, no centro de Niagara Falls, Ontario, Canada. *Conical Intersect*, 1975: Incisão circular, que lembra um periscópio, entre dois edifícios geminados que se encontravam localizados no bairro onde estava sendo erguido o complexo cultural Georges Pompidou, Paris. A perfuração possibilitava a visão do espectador atravessar as paredes.

nove partes, sendo oito delas cortadas livre e aleatoriamente, removendo parte da parede, piso, degraus e corrimãos, deixando apenas seu centro/interior intacto. Uma hora depois, o trator esteira – usado para terraplanagem e escavações – chegou iniciando o processo de demolição.

Por fim, estudamos a criação do trabalho *Conical Intersect* para a nona edição da bienal de Paris, em fevereiro de 1975. Realizada nas adjacências das edificações que estavam sendo erguidas para abrigar o Centre Georges Pompidou – museu destinado à exposição de obras de arte moderna e contemporânea – a obra acaba se distanciando muito do projeto original. O delegado geral da bienal, Georges Boudaille, e o curador do *Musée National d'art Moderne*, Jean-Hubert Martin, não concordam com a proposta inicial, que previa “inscrever, através de paredes, piso e teto do espaço de exposição, uma série de linhas de uma polegada de largura, deixando longas fatias de espaço livre” (Bortoulucce, 2011, p. 114 -116).

Assim, oferecem um lugar fora do espaço expositivo, onde foi permitido ao artista realizar intervenções em uma construção que seria demolida: duas casas situadas em um terreno utilizado como estacionamento para caminhões de carga, que abasteciam um armazém da vizinhança.

A obra se iniciou com a abertura de um pequeno círculo na parede, que, aos poucos, foi se alargando até ganhar a forma de um cone, cuja escavação foi feita mediante recortes por entre paredes, pisos e tetos, de modo que conectaram as duas casas. Nesse sentido, o cone “transforma-se numa espécie de periscópio para o público, abolindo as fronteiras entre público e privado e reconfigurando toda a edificação” (Bortoulucce, 2011, p. 116).

Ancorados no corte, no retalhamento, na abertura de fendas, no esburacamento e na escavação de casas e prédios abandonados, os trabalhos abordados evidenciam não somente a ambiguidade do próprio método de criação de Matta-Clark como também a contradição na atual configuração das cidades, na medida em que as intervenções de caráter destrutivos são realizadas em lugares e ambientes esquecidos, sujos, decadentes, repudiados e condenados à demolição que a cidade economicamente rica, pujante e dinâmica quer, através dos seus mecanismos de poder, ignorar. Portanto, a força do trabalho de Matta-Clark está em escancarar o “lixo” urbano e suas mazelas – que algumas pessoas fingem não existir ou desconhecer – com o intuito de provocar uma mudança na forma de se perceber o espaço e, com isso, levar a uma nova relação com a cidade, conforme sugere sua fala:

Trabalhar com estruturas abandonadas demonstra a minha preocupação com a vida da cidade, cujo principal efeito é a metabolização de suas velhas construções. Aqui, como em muitos outros centros urbanos, a disponibilidade de estruturas vazias ou negligenciadas é uma lembrança textual à falácia da renovação pela modernização (Matta-Clark, 1975, p. 145 in Cidade, 2010, p. 113).

É exatamente a partir dessa proposta de ressignificação do espaço abandonado que suas performances são realizadas. A instalação *Garbage Wall*, de 1971, por exemplo, foi uma tentativa de construir uma moradia melhor que as cabanas de papelão usadas pelos indigentes que moravam sob a ponte do Brooklyn, em Nova York. Acreditando que o lixo poderia ser reciclado, o artista utilizou resíduos industriais e eletrônicos encontrados na área para criar uma parede sólida que poderia ser usada na criação de casas para os mendigos. Outro projeto, dessa vez inacabado, denominado *Loisaida* oferecia uma proposta de reintegração social a partir do treinamento de jovens sem recursos em ofícios de alvenaria e construção com refugos de fabricação. Esses exemplos mostram que as atividades no campo da arquitetura acabam por provocar interferências no tecido urbano e nas interações sociais que nele ocorrem.

A partir de então, estabelece-se o *link* entre esse *corpus* de pedra Matta-Clarkiano literalmente destruído, “rompido em sua unidade” (Cidade, 2008, p. 8) e as ações promovidas pela *body modification* nas quais o corpo “vive e sente na carne” o ato de ser desestabilizado, violado, aberto, esburacado, despedaçado, ou seja, desvelado na sua estrutura mais íntima. Desse modo, explicita-se que o corte nas suas diferentes formas de afirmação – nos prédios arquitetônicos e na carne – é o fio condutor da análise aqui proposta.

Para começar a conhecer essa prática corporal, estabelecemos um diálogo com Thiago Ricardo Soares – que será tratado ao longo do texto pelo pseudônimo de T. Angel ou T., pois é assim que é reconhecido entre os *bod-mods* e assina seus *e-mails*.

Originário de uma família religiosa, T. Angel nasceu em 1982 na cidade de Osasco – grande São Paulo. Inscrito, desde 2008, em um curso de graduação em História, desenvolve pesquisas de cunho sócio-político-cultural por meio das quais explora os próprios limites de seu corpo para discutir valores da sociedade contemporânea. T. está também à frente do projeto FRRRKguys.com, *website* que, como ele próprio diz, discute a beleza *freak* masculina e

traz discussões sobre modificações corporais no Brasil e no mundo. Além disso, idealiza e organiza convenções de *body modification* e *body art* na cidade de São Paulo, a exemplo das duas edições do Frrrkcon.

A *body modification*, na sua condição de cultura corporal *underground* difundida pela tribo dos *body mods*, tem, na reinvenção do corpo, um repertório radicalmente fértil para a reinvenção de si mesmo. Planejadas, projetadas, esquematizadas e organizadas, suas práticas envolvem, conforme ilustra Osório (2005), uma série de elaboradas transformações irreversíveis ou não e cujo resultado final nem sempre é necessariamente alcançado em primeira instância. Pode levar anos para ser concretizado e, ao contrário do que vem sendo propagado pela imprensa e pela academia, não é exatamente algo restrito ao universo juvenil. É exatamente nesse sentido o relato de T.: “Movimento de jovem??????? Dennis Avner, o “homem gato”, estava com 54 anos quando morreu, agora em novembro. Na sua jornada de mutação, ele estava se transformando em um tigre fêmea, transitando e trazendo reflexões inclusive acerca do gênero” (20/11/2012).

Essa fala de T. reforça a ideia, defendida por Maffesoli (2000), da importância da dimensão estética enquanto uma nova ética que passa a reger as relações cotidianas e o caráter simbólico/metafórico a ela associado como possibilidade de transfiguração político-social. É justamente nesse contexto que a questão levantada por T. abre espaço para se falar em uma possível frente, contraofensiva sexual ao corpo dócil/disciplinado instituído e fundamentado pelo poder que, a partir do século XVIII, estende seu controle para o corpo – social e humano (Foucault, 2011).

Esses investimentos de controle, vigilância e perseguição pelos mecanismos de poder, seja através de “métodos de assepsia: criminologia, eugenia e exclusão dos degenerados, seja através de dispositivos disciplinares”, acabam, segundo Foucault (2011, p. 145), por levar a um domínio do próprio corpo por parte dos sujeitos. Em contrapartida, ainda segundo Foucault (2011, p. 145), emerge dessa consciência corporal a reivindicação por um corpo livre das amarras do controle socialmente instituído pelo poder.

Portanto, partindo do entendimento foucaultiano de que, nesse caso específico do corpo, o que torna o poder forte é também a sua vulnerabilidade, a emergência desse novo corpo radicalmente híbrido e indefinido – meio humano, meio felino, meio macho, meio fêmea – pode ser entendida no campo das possibilidades de transgressão e, por conseguinte, de transfiguração política e social no sentido benjaminiano e maffesoliano do termo. O corpo

mutante e metamórfico pode trazer alguma luz ao imbróglio que envolve as discussões de identidade, gênero e sexo na contemporaneidade.

Já o entorno das discussões sobre alterações extremas que frequentemente apresentam um vínculo estreito com a *body art*, muito embora não estejam atreladas a esse caráter que ultrapassa o limite do corpo humano em seu aspecto físico, mas que nem por isso deixam de ser menos radicais, aponta, conforme sugerem as análises de Foucault (2011, p. 147), para a capacidade de renovação do poder que se refaz continuamente, não mais sob a forma de controle-repressão e sim de controle-estímulo. Nesse sentido, “a cada movimento de um dos dois adversários corresponde o movimento do outro” (Foucault, 2011, p. 147).

É nesse contexto que podem ser inseridas as observações de T. sobre as acirradas discussões que marcaram a última edição do fórum *Reflexões sobre os corpos modificados na atualidade*, realizado em São Paulo, em novembro de 2012. Na sua visão, elas refletem o cenário de agitação e de ânimos exaltados que atualmente envolve a cena cultural *body-mod* no Brasil. Ou seja, segundo ele, trata-se das mesmas discussões acaloradas que aparecem em redes sociais e que invariavelmente giram em torno das mesmas questões: limites do *body modifier* e do sujeito modificado, ética e competência dos profissionais, tal qual pode ser observado em sua declaração:

Todas as discussões já aconteceram e eu acho mesmo que acontecerão sempre com quase todas as modificações corporais. Desde o piercing, que hoje a gente chama de básico ou tradicional, passando pelas escarificações, os implantes e agora na bola da vez, as tatuagens no globo ocular. Não quero com isso reduzir a necessidade, urgência e importância da discussão, muito pelo contrário. Tô só reforçando, como já disse no meu site, que historicamente essas discussões exaltadas sempre aconteceram, mudando apenas as personagens, de acordo com o tempo (T., 20/11/2012).

Nessas palavras, identificam-se claramente momentos em que relações de poder se manifestam dentro do próprio movimento *body-mods*, aparecendo assim sob a forma de imposições de limites e no estabelecimento de medidas higiênicas que, no caso em questão, são absolutamente necessárias para sobrevivência do próprio corpo.

Com relação à sua visão sobre os atos de esburacar cartilagens, triturar a pele, arrancar seus pedaços, suspender o corpo e provocar jorros de sangue, T. considera ser

– mais que automutilação ou flagelo – uma forma experimental de se libertar das amarras sociais que se impõem ao corpo. Termina assim fazendo a seguinte declaração: “Não é mutilar, nem flagelar-se, é quando o corpo abandona sua vulnerabilidade e alcança o pensamento” (T., 20/11/2012).

A partir desse quadro apresentado, observa-se efetivamente que o corpo pode de fato criar mecanismos de resistência à sua domesticação por meio de “agenciamentos coletivos que encarnam novas cartografias socio-culturais por meio de práticas e linguagens emergentes e alternativas aos sistemas de dominação” (Oliveira, 2007, p. 77) possibilitando a transfiguração social e política desse corpo.

Considerações finais

A cidade, na abordagem de Simmel (1973, p. 15), também se caracteriza por um forte aspecto econômico, por uma racionalidade objetivamente mensurável que acaba por promover a exclusão de traços e impulsos instintivamente “autônomos” – contraditórios à existência metropolitana naqueles parâmetros. Entretanto, sujeitos transgressores não são estranhos à configuração das metrópoles, ainda que sejam opostos à vida idealizada, higiênica da grande cidade. Nesse contexto, o desmembramento de construções arquitetônicas promovido por Matta-Clark e os cortes do corpo dos *body-mods* urbanos podem ser interpretados como impulsionados por certa aversão a uma economia do dinheiro e aos discursos sobre a vida moderna.

As obras de Matta-Clark aparecem como uma depreciação da prática arquitetônica capitalista “ao atacar o caráter depredador do consumo, mantendo expostas as feridas dessa depredação e simultaneamente deixando-a acessível à memória da cidade” (Cidade, 2010, p. 178). Já no que concerne ao universo urbano da *body-modification*, suas práticas estéticas se manifestam explicitamente contrárias ao corpo construído, de acordo com Foucault (2003, p. 118) como expansão “infinita de força, vigor, saúde e vida, a partir de dispositivos de controle e poder que aparecem sob a forma de preceitos biológicos, médicos ou eugênicos”.

Assim, as interferências promovidas ousadamente por Matta-Clark e pelos *body-mods* abrem margem para se pensar o paradoxo inerente à destruição e à sua comunicação. Trata-se de, ao destruir arquitetura e parte do corpo,

promover um evento de forte caráter comunicativo. Isso porque a ruína da pedra e da carne, parafraseando Cidade (2010, p. 21), aparece também como uma possibilidade de reconstrução na qual o corte também emerge como construtor da cidade enquanto *corpus* à medida que vai além da superfície de sua fissura. Nesse sentido, o pressuposto de Benjamin (1984, p. 67) de que a “origem emerge do vir-a-ser e da extinção” permite uma leitura dessas intervenções destrutivas que ganham concretude física no desmoronamento da pedra e no dilaceramento da carne, como uma possibilidade de transfiguração social e política.

A transfiguração – conforme Benjamin, já citado no início deste texto – se dá pelo acesso à realidade graças a uma análise concreta dos fatos, em termos de sua história. Fazendo isso, acaba-se por aniquilar certas categorias para, em seguida, reconstruí-las em novos termos/princípios, pois a “destruição da história é também, no seu reverso, a manifestação plena de seu sentido que, por sua vez, é apreendido através da junção de seus fragmentos” (Benjamin, 1984, p. 50).

Nessa perspectiva, Benjamin, em uma passagem sobre a relação da história com a verdade, discorre sobre a possibilidade de se recriar algo a partir de um amontoado de ruínas, simbolizado nos cacos do mosaico estilhaçado que fora arrancado de seu sentido original. A partir de uma nova justaposição, de uma montagem desses fragmentos, tem-se acesso a um novo universo que contribui para a formação de um novo todo. Segundo Benjamin, a “história, em sua dimensão concreta e fragmentada, representa a verdade que só pode ser – “mentalmente” – apreendida pela materialidade” (1984, p. 50). Recorrendo à metáfora do mosaico, o autor reflete que “o valor desses fragmentos de pensamento é tanto maior quanto menor sua relação imediata com a concepção básica que lhes corresponde, e o brilho da representação depende desse valor da mesma forma que o brilho do mosaico depende da qualidade do esmalte” (1984, p. 50).

Já a transcendência do político nos termos maffesolianos ganha concretude por meio de práticas cotidianas que desdenham do aspecto racional e domesticador do político-econômico. Assim, “é necessário, para que uma sociedade se reconheça como tal, que ela possa por em ação a desordem das paixões” (Maffesoli, 1985, p. 23) em uma ode ao entusiasmo e ao êxtase dionisíaco.

Nesse contexto, um paralelo com o mito de Dioniso torna-se inevitável. Brandão (2000, p. 117) descreveu o mito lembrando que Dioniso nasceu dos amores de Zeus e Perséfone e que Hera, esposa traída de Zeus, encarregou os Titãs de matar a criança. Atena salvou-lhe o coração que ain-

da palpitava e Sêmele o engoliu (ou foi fecundada por Zeus) concebendo o novo Dioniso. Hera, dessa vez, resolveu eliminar mãe e filho. O feto foi salvo pelo pai que o colocou em sua coxa. Temendo novo estratagemma de Hera, Zeus transformou o recém-nascido em bode e o confiou a Ninfas e Sátiros.

Desse modo, Dioniso tornou-se o deus da metamorfose: seu corpo é dilacerado e seus pedaços são devorados pelos Titãs, mas ele renasce de seu próprio coração ainda palpitante (Brandão, 2000). Retomando nosso objeto e nosso problema de pesquisa, a ação de destroçar monumentos da cidade e dilacerar o corpo alude a essa possibilidade dionisíaca de recriação que o próprio *corpus* em ruína oferece (assim como também alude ao mosaico). O potencial de transfiguração e transcendência política reside não somente na capacidade de se refazer, mas também na força e na eficácia simbólica que esse ato de se reinventar possa vir a ter.

Para finalizar, é igualmente importante considerar que a forma originada é sempre uma “restauração inacabada”, uma espécie de construção interminável. Como reflete Benjamin, “o originário não se encontra nunca no mundo dos fatos brutos e manifestos, e seu ritmo só se revela a uma visão dupla, que o reconhece, por um lado, como restauração e reprodução, e por outro lado, e por isso mesmo, como incompleto e inacabado” (Benjamin, 1984, p. 68).

Nessa perspectiva simbólica, toda obra é, por natureza, inacabada, e a sua compreensão sempre será parcial. Portanto, a leitura aqui feita das ações destrutivas de Matta-Clark e dos *body-mods*, assim como o significado a elas atribuído são apenas interpretações. Seu sentido está diretamente vinculado ao modo como os fragmentos desses *corpora* em ruína aparecem justapostos ao longo do texto e à visão das autoras que propõem reunir, colar e remontar esses pedaços para trazer à luz um trecho de uma possível realidade social. Ou como escreveu Drummond, a verdade “era dividida em metades diferentes” e carecia optar. “Cada um optou conforme seu capricho, sua ilusão, sua miopia” (Andrade, 1984, p. 41).

Referências

ANDRADE, C.D. 1984. Verdade. In: C.D. ANDRADE. *Corpo: novos poemas*. 4ª ed. Rio de Janeiro, Record, p. 41-42.

BENJAMIN, W. 1984. Questões introdutórias de crítica do conhecimento. In: W. BENJAMIN. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo, Brasiliense, p. 49-79.

BENJAMIN, W. 2007. Paris, capital do século XIX. In: W. BENJAMIN, *Passagens*. Belo Horizonte, EdUFMG, p. 39-52.

BOLLE, W. 2000. *A fisionomia da metrópole moderna: Representação da história em Walter Benjamin*. São Paulo, Edusp, 435 p.

BORTULUCCE, V.B. 2011. O espaço na obra Interseção Cônica, de Gordon Matta-Clark. *Revista de História da Arte e Arqueologia*, 16:113-129.

BRANDÃO, J.S. 2000. Dioniso ou Baco: O deus do êxtase e do entusiasmo. In: J.S. BRANDÃO, *Mitologia grega*. 11ª ed., Petrópolis, Vozes, 2:113-140.

CIDADE, D.M. 2008. Gordon Matta-Clark: arquitetura e apropriações. In: Seminário Arte e Cidade, II, Memória e Contemporaneidade, Salvador, 2008. *Anais...* 2:1-15. Disponível em: http://www.ufrgs.br/gpit/wp-content/uploads/2009/09/gordon-matta-clark_arquitetura-e-apropriacoes.pdf. Acesso em: 04/05/2013.

CIDADE, D.M. 2010. *Os cortes de Gordon Matta-Clark: Um ritual de destruição e reconstrução da arquitetura*. Porto Alegre, RS. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 353 p.

COURTINE, J.J. 2006. Introduction. In: J.J. COURTINE (org.), *Histoire du corps: les mutations du regard – le XXe siècle*. Paris, Seuil, p. 7-11.

FOUCAULT, M. 2003. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo, Graal, 155 p.

FOUCAULT, M. 2011. *Microfísica do poder*. São Paulo, Paz e Terra, 295 p.

FRRRK.guys. [s.d]. FRRRKguys.com: male beauty, body art & body modification culture. Disponível em: <http://frrrkguys.com.br/>. Acesso em: 04/05/2013.

GUGGENHEIM. [s.d.]. Disponível em: http://www.guggenheim.org/new-york/collections/collection-online/show-full/bio/?artist_name=Gordon%20Matta-Clark. Acesso em: 04/05/2013.

LE BRETON, D. 2009. *As paixões ordinárias: a antropologia das emoções*. Petrópolis, Vozes, 276 p.

MAFFESOLI, M. 1985. *A sombra de Dionísio: contribuições para uma sociologia da orgia*. Rio de Janeiro, Graal, 159 p.

MAFFESOLI, M. 2000. *O tempo das tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. São Paulo, Forense Universitária., 297p.

MAFFESOLI, M. 2005. *A transfiguração do político: a tribalização do mundo*. Porto Alegre, Sulina, 230 p.

MAUSS, M. 1985. Les techniques corporelles. In: M. MAUSS, *Sociologie et anthropologie*. 9ª ed., Paris, PUF, p. 365-388.

OLIVEIRA, R.C.A. 2007. Estéticas juvenis: Intervenções nos corpos e na metrópole. *Comunicação Mídia e Consumo*, 4(9):63-86.

OSÓRIO, A. 2005. A geografia corporal dos espaços abertos: reflexões sobre o corpo carioca. *Os urbanitas: revista digital de antropologia urbana*, 2(1). Disponível em: <http://www.osurbanitas.org/osurbanitas2/andreaosorio2005-a.html>. Acesso em: 04/05/2013.

PRINCETON UNIVERSITY ART MUSEUM (PUAM). [s.d.]. The life and death of buildings. Disponível em: <http://puam.princeton.edu/lifeanddeathofbuildings/section/death/mattaclark>. Acesso em: 17/11/2013.

SIMMEL, G. 1973. A metrópole e a vida mental. In: O.G. VELHO (org.), *O fenômeno urbano*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Zahar, p. 11-25.

SINGER, B. 2001. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: L. CHARNEY; V.R. SCHWARTZ (org.), *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo, Cozac & Naify, p. 115-148.

SIQUEIRA, D.C.O.; AMARAL, L.R.A. 2011. Vozes da vila: espaço e representações no entorno da universidade. *Contemporânea*, Ano 9, 2(18):37-50.

SPACE Hijackers – Organização de Ativistas Sociais (SPACE). [s.d.]. Disponível em: <http://www.spacehijackers.org/html/history.html>. Acesso em 04/05/2013.

WEBER, M. 2001. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo, Martin Claret, 238 p.

Submissão: 04/05/2013

Aceite: 16/12/2013